

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of light blue lines on a white background. Overlaid on this grid are various shapes in shades of green and yellow, including triangles, hexagons, and larger irregular polygons. The colors range from a pale lime green to a deep forest green, with some bright yellow accents. A large, white rectangular box with a thin black border is centered on the cover, containing the title text.

Livro de Poemas

Escolas literárias:

ERA

COLONIAL

QUINHETISMO

Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

Jazo aqui por teu pecado.

Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado,

Jazo aqui por teu pecado.

Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?

O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.

Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade?

Por querer-te todo o bem

E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Padre José de Anchieta - Jesus na Manjedoura

BARROCO

"Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,/ e é que,
quem o dinheiro nos arranca,/ nos arranca as mãos, a
língua, os olhos."/ "Esta mãe universal,/ esta célebre
Bahia,/ que a seus peitos toma, e cria,/ os que enjeita
Portugal"/ "Cansado de vos pregar/ cultíssimas
profecias,/ quero das culteranias/ hoje o hábito
enforçar:/ de que serve arrebentar/ por quem de mim
não tem mágoa?/ verdades direi como água/ porque
todos entendais,/ os ladinos e os boçais,/ a Musa
praguejadora./ Entendeis-me agora?"

Senhora Dona Bahia - Gregório de Matos

ARCADISMO

LIRA III

(...)

De amar, minha Marília, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adoram os heróis; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marília, despreza uma beleza,
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A lei, que lhe ditou a Natureza.
Cupido entrou no Céu. O grande Jove
Uma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as várias formas
De General de Tebas, velha, e touro.
O próprio Deus da Guerra desumano
Não viveu de amor ileso;
Quis a Vênus, e foi preso
Na rede, que lhe armou o Deus Vulcano.

Trecho: Marília de Dirceu - Tomás Antônio Gonzaga

ERA

NACIONAL

ROMANTISMO

Minha terra tem palmeiras,/ Onde canta o Sabiá; / As
aves, que aqui gorjeiam,/ Não gorjeiam como lá./
Nosso céu tem mais estrelas,/ Nossas várzeas têm
mais flores,/ Nossos bosques têm mais vida,/ Nossa
vida mais amores./ Em cismar – sozinho – à noite – /
Mais prazer encontro eu lá;/ Minha terra tem
palmeiras;/ Onde canta o Sabiá./ Minha terra tem
primores,/ Que tais não encontro eu cá;/ Em cismar –
sozinho – à noite –/ Mais prazer encontro eu lá;/
Minha terra tem palmeiras,/ Onde canta o Sabiá./ Não
permita Deus que eu morra,/ Sem que eu volte para
lá;/ Sem que eu desfrute os primores/ Que não
encontro por cá;/ Sem qu'inda aviste as palmeiras,
/Onde canta o Sabiá.

Canção do Exílio - Gonçalves Dias

REALISMO

Pensa em ti mesma, acharás
Melhor poesia,
Viveza, graça, alegria,
Doçura e paz.

Se já dei flores um dia,
Quando rapaz,
As que ora dou têm assaz
Melancolia.

Uma só das horas tuas
Valem um mês
Das almas já ressequidas.

Os sóis e as luas
Creio bem que Deus os fez
Para outras vidas.

A uma senhora que me pediu versos - Machado de Assis.

NATURALISMO

Calcula, minha amiga, que tortura!/
Amo-te muito e muito, e, todavia,/
Preferira morrer a ver-te um dia/
Merecer o labéu de esposa impura!/
Que te não entorneça esta loucura,/
Que te não mova nunca esta agonia,/
Que eu muito sofra porque és casta e pura,/
Que, se o não foras, quanto eu sofreria!/
Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses/
Com teus beijos de amor, meus lábios tristes,/
Com teus beijos de amor, as minhas faces!/
Persiste na moral em que persistes./
Ah! Quanto eu sofreria se pecasses,/
Mas quanto sofro mais porque resistes!

Aluísio Azevedo - Pobre Amor

PARNASIANISMO

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.
Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.
Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.
Que arte em pintá-la!
A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Vaso Chinês - Alberto de Oliveira

SIMBOLISMO

Quando Ismália enlouqueceu,/ Pôs-se na torre a
sonhar.../ Viu uma lua no céu,/ Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,/ Banhou-se toda em
luar.../ Queria subir ao céu,/ Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,/ Na torre pôs-se a cantar.../ Estava
longe do céu.../ Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu/ As asas para voar. . ./ Queria
a lua do céu,/ Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu/ Ruflaram de par em par.../
Sua alma, subiu ao céu,/ Seu corpo desceu ao mar...

Ismália - Alphonsus de Guimaraens

PRÉ - MODERNISMO

Ontem - quando, soberba, escarnecias
Dessa minha paixão - louca - suprema
E no teu lábio, essa rósea algema,
A minha vida - gélida - prendias...
Eu meditava em loucas utopias,
Tentava resolver grave problema...
Como engastar tua alma num poema?
E eu não chorava quando tu te rias...
Hoje, que vivo desse amor ansioso
E és minha - és minha, extraordinária sorte,
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!
E tremo e choro - pressentindo - forte,
Vibrar, dentro em meu peito, fervoroso,
Esse excesso de vida - que é a morte...

Euclides da Cunha - Rimas

MODERNISMO

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

Auto-retrato - Manuel Bandeira

PÓS - MODERNISMO

Quem sabe um dia

Quem sabe um seremos

Quem sabe um viveremos

Quem sabe um morreremos!

Quem é que

Quem é macho

Quem é fêmea

Quem é humano, apenas!

Sabe amar

Sabe de mim e de si

Sabe de nós

Sabe ser um!

Um dia

Um mês

Um ano

Um(a) vida!

Mário Quintana - Quem Sabe Um Dia